

## Arquivos de museus: padronização, pesquisa e acesso

MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I seminário internacional*. Arquivos de museus e pesquisa. São Paulo: MAC/USP, 2010.

Eurípedes G. da Cruz Junior\*

Os encontros cada vez mais frequentes entre profissionais de bibliotecas, museus e arquivos, têm demonstrado as dificuldades destes últimos quando a questão é padronização de organização e acesso. Pela própria multiplicidade e complexidade na definição de seus conteúdos e abrangências, o arquivo está hoje no centro das discussões. Restringindo-se a problemática para uma área infinitamente menor, não é tão fácil como parece, à primeira vista, lidar com as questões inerentes aos arquivos de museus. Assim, a realização do I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa trouxe para a mesa de debates as implicações e intrincamentos do assunto, reunindo uma plêiade de profissionais de diversas formações e práticas.

A publicação resultante do Encontro reúne as falas desses profissionais envolvidos com a pesquisa e o arquivo em instituições museológicas. Os participantes brasileiros são todos de instituições paulistas. Entre os estrangeiros, Deborah Wythe, coordenadora dos arquivos digitais do Brooklyn Museum (c2004-2011) é a autora do instigante texto onde narra a trajetória da conceituação e organização dos arquivos daquele museu, traçando um cenário de potencialidades e desafios para as instituições do trinômio biblioteca/arquivos/museus no novo contexto da sociedade da informação. Ela é a editora de uma das poucas obras sobre o assunto, a segunda edição do *Museum Archives: An Introduction* (WYTHE, 2004), e é uma liderança no campo, ligada à Sociedade de Arquivistas Norteamericanos. A reunião de grupos de discussão sobre arquivos em museus nos Estados Unidos na verdade já vem desde 1979, quando o Smithsonian Institute organizou um congresso sobre o tema. Ela destaca a importância do acesso aos arquivos documentais – sejam eles de natureza administrativa ou das atividades-fim do museu para a reconstrução de processos, ou mesmo para a divulgação de histórias sobre o acervo e seus personagens que porventura interessem ao público. A utilização de arquivos com a interatividade da web 2.0 também não foi esquecida e experiências de curadoria com parceria do público na internet são relatadas. Diz ela que antes os arquivistas falavam sobre usuários; após uma análise de seu público, começam a pensar em termos de comunidade. Se

---

\* Doutorando em Museologia, Unirio.

usuários transformam-se em comunidades, as instituições formam consórcios e redes. Iniciativas como a Philadelphia Area Special Collection Libraries and Archives ([2011?]), um consórcio de arquivos e bibliotecas que desenvolve um projeto para catalogar e processar mais de 1600 coleções “escondidas” de 24 repositórios – escolas, empresas, museus, bibliotecas, sociedades históricas –, totalizando cerca de 8 quilômetros lineares de documentos, são cada vez mais frequentes. Ou como pontua Susan Andreson, arquivista do Philadelphia Museum of Art e outra participante do Encontro, “é melhor juntar nossos recursos e procurar grandes financiamentos consorciados em lugar de concorrer individualmente entre nós – mais ou menos como os agricultores que ajudam uns aos outros na hora de construir um celeiro, por exemplo”.

A abertura da publicação traz uma reflexão do Prof. Ulpiano Bezerra sobre um tema pouco explorado nos museus brasileiros: os arquivos de artistas. Situados numa fronteira indefinida, muitos desses arquivos constituem-se em verdadeiras obras, intencionalmente ou não. Na contemporaneidade acentua-se essa prática, tendo os arquivos de Andy Warhol (as famosas “caixas”) como referência. Seguindo essa temática, o texto *Os Documentos nas Exposições de Arte*, de Patricia Artundo, Profa. da Universidade de Buenos Aires, vem assinalar algumas possibilidades que as mostras de documentos podem propor em termos de curadoria. Segundo ela, os documentos ampliam o conhecimento sobre o tema exposto, e o peso que eles podem adquirir na compreensão do processo criativo do artista ou da obra. Característica que a arte contemporânea tem trazido como um desafio constante para os projetos expositivos, e mesmo para a documentação por ela gerada, como, por exemplo, as fotografias de uma performance, onde esta última é a obra, e a foto o documento, a referência sobre a mesma. Integrada ao arquivo, a própria foto pode passar para a condição de obra, testemunha isolada de um acontecimento anacrônico. O gerenciamento e acessibilidade de documentos que passam a transitar entre diferentes fronteiras, chegando à vitrine expositiva como objeto não de *per se*, mas com um peso considerável para a inteligibilidade do que se quer narrar, mostram a propriedade da discussão sobre esses caminhos tentativos.

Os artigos que se seguem traçam a luta por organicidade nos arquivos de instituições como o Museu Paulista, O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP), a Pinacoteca do Estado de S. Paulo e o Museu de Arte de São Paulo. Embora prevalecendo o aspecto técnico, os textos trazem também histórias e depoimentos como o da Professora Aracy Amaral, que

dirigiu a Pinacoteca e o MAC/USP, e participou de todas as Bienais de São Paulo. Em um determinado trecho, a propósito da separação da coleção de Cicilo Matarazzo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, doada pelo mesmo ao MAC USP, mostra a inconformidade de alguns artistas e críticos como Mário Pedrosa, que exclamou: “Museu não é botequim que se fecha e se abre quando quiser”.

Merece destaque ainda o texto de Ana Paula Nascimento, por levantar corajosamente algumas idéias e indagações, que embora do conhecimento geral, permanecem ainda um pouco situadas à margem das discussões internas das equipes dos museus brasileiros. Ela fala, por exemplo, do desafio crescente em se realizar pesquisa de qualidade além dos muros da universidade, em uma época de espetacularização e esvaziamento de conteúdo. Segundo ela, os acervos dos museus brasileiros muitas vezes são reféns de leituras preestabelecidas, exibição apenas de obras consideradas relevantes, por fatores como o belo, o raro, o exponencial, assim gerando apenas um conhecimento fracionado do todo. Para que os acervos se tornem cada vez mais acessíveis, é fundamental o estudo de segmentos normalmente confinados por longos períodos ao esquecimento das reservas técnicas. Ou seja, propor distintas leituras para conjuntos previamente examinados, ou enfrentar desafios na tentativa de conseguir responder a diferentes demandas, lidar com questões temporais distintas sem comprometer a qualidade, sempre buscando uma atuação interrogativa e renovada.

A preocupação em avançar na organização e acessibilidade dos arquivos, em transformá-los em conjuntos que possibilitam leituras diversificadas torna-se patente na maioria das experiências relatadas nos artigos e apresentações, constituindo assim o livro numa interessante e pertinente contribuição para o campo, leitura auxiliar para os profissionais que se deparam com desafios semelhantes ■

## Referências

BROOKLIN Museum. New York, c2004-2011. Disponível em: <<http://www.brooklynmuseum.org/>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

PHILADELPHIA AREA CONSORTIUM OF SPECIAL COLLECTIONS LIBRARIES. *About PACSCL*. Philadelphia, [2011?]. Disponível em: <<http://pacsccl.org/about>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

WYTHE, Deborah (Ed.). *Museum Archives: an introduction*. 2. ed. Chicago: Society of American Archivists Museum Archives Section, 2004

---

Recebido em 26.11.2011

Aceito em 16.12.2011